

Na luta pela equidade de oportunidades



Paulo Rodrigues

ONG se empenha para transformar leis inclusivas em práticas cotidianas



Equipe
Linha Direta

Eles enfrentam dificuldades para se locomover, se inserir no mercado de trabalho, ter acesso à cultura, à leitura e à educação de modo geral, e ainda precisam vencer o preconceito. Assim é o dia a dia das pessoas com deficiência. Ainda que tenha perdido força nos últimos tempos, no Brasil, ainda se percebe uma antiga e equivocada ideia de que a população brasileira com deficiência não precisa levar uma vida plena. Tal pensamento, além de errôneo, contribui para que as pessoas com deficiência encontrem grandes dificuldades no acesso a direitos, bens e serviços.

De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU), 10% da população mundial, algo em torno de 600 milhões de pessoas, têm pelo menos uma deficiência. Mesmo com os números significativos, os investimentos para atender às necessidades específicas desse contingente ainda não são suficientes e, em muitos casos, chegam a ser considerados como ações adiáveis.

Quando ficou ciente das barreiras que as pessoas com deficiência precisavam enfrentar cotidianamente, a jornalista Claudia Werneck, que na época trabalhava na revista *Pais & Filhos*, decidiu se posicionar e abraçar a causa de garantir a quem nasceu ou vive com deficiência uma vida com equidade de oportunidades, o que só é possível com ampla e diversificada oferta de acessibilidade, em várias dimensões. Assim, ela idealizou e fundou no ano de 2002 a ONG Escola de Gente – Comunicação em Inclusão.

VENCENDO PRECONCEITOS

Na visão de Claudia, a maior dificuldade que as pessoas com deficiência enfrentam está no fato de elas serem percebidas como um detalhe da natureza, como um símbolo, muitas vezes, de quando a humanidade "errou" ou "falhou". "É como se lhes faltasse algo. Como se fossem, para sempre, pessoas e cidadãos de menor valor". Ainda de acordo com ela, "é por isso que os meios de comunicação e a sociedade valorizam tanto a pessoa

com deficiência que 'supera suas limitações', que faz algo quase inacreditável, porque aí ela finalmente 'ganha' valor e passa a 'merecer' participar da vida cotidiana de sua comunidade, e não apenas dos dias de festa dedicados à deficiência”.

Segundo a jornalista, essa é uma cultura já tão enraizada que, muitas vezes, a própria pessoa com deficiência e seus familiares se apegam a essa concepção de incapacidade. “Na forma antiga de se lidar com a deficiência, qualquer doação ou ação de auxílio é o máximo, e quanto mais pessoas com deficiência estiverem bem atendidas, independentemente do fato de estarem longe do seu trabalho ou de seus filhos, ou na escola, melhor”, diz a jornalista. Para quebrar esses paradigmas, os profissionais da ONG realizam um delicado trabalho para mostrar que a deficiência em si não é uma barreira, mas se torna uma barreira pela forma leviana como a sociedade ainda trata do tema, como um assunto que não é de interesse público.

ESCOLA FEITA PARA GENTE

“Escola de Gente quer dizer seguidores incondicionais de gente, de modo que trabalhamos para combater qualquer tipo de discriminação, especialmente em relação à deficiência, mas sempre adotando uma visão sistêmica, orgânica, na análise do tema *inclusão*”, afirma Cláudia. Cotidianamente, a instituição oferece seus saberes e metodologias e compartilha suas vivências com outras ONGs, movimentos, governos, empresas, agregando a ação de transformar leis inclusivas em práticas cotidianas inclusivas. “Isso compreende, certamente, pensar a acessibilidade como um direito, não opcional, não adiável”, enfatiza a fundadora da Escola.

Ela também explica que a segunda parte do nome da ONG – Comunicação em Inclusão – vem da certeza de que é no processo de comunicação que se dão as mais graves formas de discriminação em relação a quem não ouve, não enxerga, tem um intelecto que se desenvolve de modo mais lento. “Acreditamos que é impossível se exercitar na inclusão



A jornalista e fundadora da Escola de Gente, Cláudia Werneck

sem adotar uma comunicação acessível, aquela que inclui livros em formatos acessíveis, que podem ser comprados em qualquer livraria, que não sejam apenas doados, por exemplo”, destaca Cláudia.

Em 13 anos, a Escola de Gente concebeu e realizou 31 projetos, sensibilizando cerca de 410 mil pessoas em dezessete países das Américas, Oceania, Europa e África. Além disso, a ONG tem em seu histórico 39 reconhecimentos e premiações nacionais e internacionais.

UM REFORÇO A MAIS

Cientes da importância do acesso à leitura, a ONG se inscreveu, através do projeto *Todas as pessoas têm direito a conhecer todas as histórias*, e foi selecionada, em 2015, para receber o apoio do Programa Criança Esperança, uma parceria da Rede Globo com a UNESCO.

O projeto é baseado em três premissas: não há oferta de livros acessíveis no Brasil, especialmente para crianças; não há como formar crianças sem acesso à leitura e às histórias contadas pela humanidade; e não é aceitável que crianças vivam sem acesso à leitura. Na próxima edição da *Linha Direta*, falaremos mais sobre a iniciativa. Não perca!!! ■